

Estado de Mato Grosso
Secretaria do Estado de Educação
Universidade do Estado de Mato Grosso
Campus Universitário de Pontes e Lacerda

82.0:396
C 92569326

Mulheres além do seu tempo

Luciene Souza Cruz

nao

82.0:396
C 955-m

BIBLIOTECA UNEMAT	
Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT	
RG N°	6644
Data	08 / 02 / 02

Pontes e Lacerda, dezembro, 2001

Estado de Mato Grosso
Secretaria do Estado de Educação
Universidade do Estado de Mato Grosso
Campus Universitário de Pontes e Lacerda

Mulheres além do seu tempo

Ensaio Monográfico para a
conclusão do Curso de
Licenciatura Plena em Letras
– Universidade do Estado de
Mato Grosso – Campus
Universitário de Pontes e
Lacerda.

Pontes e Lacerda, dezembro, 2001

Dedicatória

Dedico este ensaio monográfico à minha mãe, Maria Verônica Diniz Cruz, pessoa que lutou e sofreu sem medir esforços para dar o melhor para mim e meus irmãos.

Mãe, que nunca poderia retribuir tudo o que você fez por mim, por mais que eu tente, não farei o suficiente para devolver-lhe o imenso amor que dedicaste a mim e aos meus irmãos.

Mãe, gostaria de poder transformar todo meu amor e agradecimento que tenho por ti, mas como não consigo expressar tudo o que você merece, por esse motivo, digo do fundo do meu coração. **Muito obrigada** por tudo, principalmente por me educar para vida, eu te amo e jamais deixarei de te amar.

Agradecimentos

A Deus, por ter feito de mim o que sou, pois Ele é verdadeiro responsável pelas minhas vitórias.

À professora Nilsa Andréa dos Santos, por ter incentivado-me nos últimos dias e foi a pessoa que me fez acreditar que na vida, apesar de problemas enfrentados, eu poderia vencer.

E também aos meus colegas de curso pelo incentivo durante e no final desta jornada.

“Romantismo, como expressão substantiva, é processo ultrapassado; romantismo como posição diante do homem e de suas relações, sinônimo de idealismo, como expressão adjetiva, existirá enquanto existirem determinadas condições sociais que o motivam.”

Nelson Werneck Sodré

Sumário

Apresentação-----	6
O Romantismo e suas raízes-----	7
Conhecendo “Lucíola” de José de Alencar-----	11
Conhecendo a obra “Senhora” de José de Alencar-----	12
Mulheres além do seu tempo-----	13
Considerações Finais-----	19
Bibliografia-----	20

Apresentação

Com este ensaio monográfico estarei fazendo uma análise comparativa entre as personagens femininas de José de Alencar, Aurélia e Lúcia, para aplacar inquietações que surgiram no decorrer do curso em relação a Literatura, e principalmente ao contexto social do período romântico.

Nesse trabalho estarei verificando a representação da mulher do século XIX através das personagens femininas acima citadas, traçando o perfil social da mulher, nesta época.

Para isto, no decorrer deste trabalho estarei mostrando as semelhanças e diferenças entre as mulheres românticas e reproduzindo o perfil feminino do século XIX.

O Romantismo e suas raízes

O século XVIII foi marcado por grandes transformações sociais e culturais. A primeira delas, de traços sociais, foi a passagem do poder da aristocracia para a classe média. Deste modo, surgiu a Revolução Francesa, um período de mudanças rápidas e profundas que refletiu em todo mundo os ideais de igualdade, fraternidade e liberdade. Esses ideais foram pregados sobre as reformas sociais, e sobre direitos humanos.

A segunda mudança foi a eclosão da Revolução Industrial. Nunca antes, em tão pouco tempo, aconteceu alterações tão fundamentais no modo de vida do homem. Houve um grande desenvolvimento nas cidades atraindo muitas pessoas. A consequência desse movimento foi a mais clara divisão de trabalho e o começo da qualificação da mão-de-obra. Portanto, surgiu um grau de complexidade e de variedade até então desconhecidos. As cidades se enriqueceram e os conflitos entre o burguês rico e a aristocracia de sangue fez-se em termos de Razão e Natureza.

Com a busca da razão, na França ocorreu o desenvolvimento do raciocínio como um mecanismo social. A literatura racionalista tem sua representação em Voltaire enquanto que Rousseau está voltado para o natural como meio de salvação para os males humanos criando o mito do “homem natural” e do “bom selvagem”. Essa vontade de voltar à natureza vem do crescimento acelerado das cidades e do surgimento das complicações da vida nas grandes cidades. Isso provocou um determinado saudosismo, passaram a acreditar que somente a vida no campo proporcionaria um perfeito bem-estar humano.

A Revolução Francesa e a Revolução Industrial Inglesa criou processos que foram se estender para todas dimensões da cultura. A política, a economia e a vida social da burguesia, prepararam para o surgimento do fenômeno cultural com base na liberdade de criação, expressão e na predominância do individualismo. Contrariando o Classicismo e o Neoclassicismo, o Romantismo fundamenta-se na liberdade de criação, não obedecendo a modelos já estabelecidos. De acordo com Afrânio Coutinho (1997);

Qualquer que tenha sido a época da introdução do termo romântico e seus derivados, o fenômeno, em história literária e artística, hoje conhecido como Romantismo, consistiu numa transformação estética e poética desenvolvida em oposição à tradição neo-clássica setecentista, e inspirada nos modelos medievais.

Na Alemanha e na Inglaterra, os escritores se insurgiram contra os modelos estabelecidos, contra qualquer forma de limitação do artista. Segundo Afrânio Coutinho (1997) o Romantismo foi incentivado por uma primeira geração denominada por Pré-romântica, desenvolvida principalmente durante o século XVIII. Criou-se uma linguagem mais pessoal com temas sobre a pátria. Essas idéias passaram para França, para Itália e outros países, e rapidamente entrou em vigor uma nova estética baseada na literatura pessoal.

No Brasil, o período de introdução do Romantismo foi durante o Arcadismo. Nessa época o país vivia momentos de crises sociais. Um exemplo desses conflitos vividos naquele momento era a Inconfidência Mineira. Segundo Benjamim Abdala Júnior (1994), *eles lideraram um dos principais movimentos pela Independência do Brasil – a Inconfidência*. Os membros do movimento inconfidente se destacaram em relação a literatura e seus pensamentos políticos, pois os mesmos já faziam poemas com temas patrióticos, que demonstravam o descontentamento em relação aos colonizadores portugueses e o desejo de independência.

Durante esse período o país se empenhou na luta pela independência política e cultural. D. Pedro II teve um papel importante, pois o mesmo procurou promover iniciativas culturais, almejando conseguir a divulgação e propagação cultural do país. Em consonância com os interesses políticos de D. Pedro II, Bosi (1994) afirma

O grupo firmou-se graças ao interesse de Pedro II de consolidar a cultura nacional de que ele se desejava o mecenas. Dando todo apoio ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, criado nos fins da Regência (1838), o jovem monarca ajudou quanto pôde as pesquisas sobre o nosso passado que se coloriram de um nacionalismo oratório...

Segundo Benjamin Abdala Júnior (1994) o início do Romantismo no Brasil se ajusta exatamente com o processo da afirmação de nossa Independência. Deste modo, percebemos que o Romantismo surgiu em meio ao clima propício de transformações causadas pelas lutas de âmbito mundial e nacional.

Com a Independência do Brasil o sentimento de nacionalismo aumentou, tentando afirmar a consciência da Nação. De acordo com Nelson Werneck Sodré (1995) ... *a literatura imediatamente posterior à Independência é ostensivamente, intencionalmente nacionalista e patriótica*. Na busca do nacionalismo romântico, exaltaram a natureza da pátria, visando a auto-afirmação cultural. É interessante lembrarmos que a natureza possui vários significados para os românticos: ora foi uma extensão da pátria, ora foi o refúgio contra

a vida angustiada dos centros urbanos do início do século XIX, ora foi um modo de prolongar o estado emocional do próprio poeta.

Realmente um dos fatos mais importantes do Romantismo consistiu na eclosão de um novo público (estudantes, mulheres e crianças). Com os folhetins a literatura tornou-se mais acessível a esse público. Dessa vez, a literatura era mais popular, pois assumiu feições nacionais e populares. E isso se consagrou com o surgimento do folhetim, histórias que eram contadas em capítulos diários nos jornais. Deste modo, despertavam o interesse desse público-alvo por literatura, pois para esses leitores bastava que a literatura oferecesse algum suspense para manter desperto o interesse, no qual os leitores reviam seus próprios dramas e paixões.

Segundo Nelson Werneck Sodré (1995) *É o folhetim, divulgado pela imprensa, levaria a cada um a semente do tema e da forma romântica, interessando a gente mais distante, que se revia nos dramas e nos romances*. Para Antônio Cândido (2000) todos nós sabemos da influência que o jornal teve sobre a literatura, criando gêneros novos, como a crônica ou mudando outros que existiam, como o romance.

Os jornais foram grandes divulgadores da literatura através dos folhetins. Os folhetins contribuíram muito para o surgimento do romance, um tipo de literatura que agradou muito o leitor daquela época. Segundo Benjamin Abdala Júnior (1994) antes do folhetim, o romance não fazia parte da nossa tradição literária. O romance agradou o público com a incorporação da técnica folhetinesca. Como complementa Antônio Cândido (2000) *É o clássico romance de folhetim, com a linguagem acessível, temas vibrantes, suspensões para nutrir a expectativa, diálogo abundante com réplicas breves*. Essas características do folhetim despertaram em muitos leitores o gosto pela arte enquanto literatura. O romance é uma narrativa que tem um enredo, com personagens atuando num determinado lugar e tempo. O romance era, portanto, uma literatura de forma e intenção burguesa, sem antepassados ilustres na literatura grego-latina, por esse motivo, não segue modelos nem obedece a regras canônicas do classicismo.

De acordo com Afrânio Coutinho (1994) *O romance, forma de narrativa moderna, surgiu como resposta às necessidades de expressão, da parte do escritor, e a determinadas aspirações da parte do leitor*.

Segundo M. Cavalcanti Proença (1966) em sua definição sobre romance

É uma história dividida em capítulos, que principia rindo e acaba chorando, ou vice-versa, e na qual devem entrar necessariamente um namorado, uma moça bonita; um homem mau, e diversas outras figurinhas de menor importância. Um romance, em regra, só pode começar de manhã ao romper do dia, de tarde, ao rugido da tempestade e de noite ao esportar da lua; excetuam-se os romances domésticos que não tem hora certa e que regulam-se pelo capricho do autor.

O romance é uma narrativa contada em prosa, contém uma certa linearidade, história fictícia, na qual narra ações e sentimentos das personagens existente na obra. Para Antônio Cândido (1970) *Enredo e personagem exprimem, ligados, os intuitos do romance, a visão da vida que decorre dele; os significados e valores que o animam.* O romance romântico passou a atender às exigências dos leitores, pois trazem paixões amorosas e ao mesmo tempo o quadro urbano das cidades, e a descrição da sociedade da época. Deste modo, a literatura em forma de romance conquistou os estudantes e as mulheres. Para tanto, o romance, tingiu-se de cor local, descreveu os costumes urbanos, apresentando personagens idealizados pela imaginação e pela ideologia romântica, com os quais os leitores se identificavam, viviam numa realidade que os convinham.

No Brasil José de Alencar surgiu na literatura como o consolidador do romance, um ficcionista que trilhou a prosa romântica, atingindo o gosto popular. O romance de Alencar era o mais representativo no nascimento do nacionalismo da época, sabido que o autor tinha plena consciência do papel que cabia ao escritor do Romantismo, por isso sua obra abrangiu amplos aspectos de realidade vivida pelos brasileiros daquela época.

Após discorrer sobre a situação histórica que envolvia o Romantismo e sua temática é possível delimitar um conceito de arte na ótica romântica: arte é a representação da cultura da burguesia recém-ascendida que procurava através da arte expressar sua independência cultural, econômica e política.

Conhecendo “Lucíola” de José de Alencar

O romance “Lucíola” de José de Alencar foi publicado em 1862. Nesse romance, Alencar atingiu o ponto máximo de sua ficção urbana, pois o romance aponta alguns aspectos negativos da vida urbana e dos costumes burgueses do Rio de Janeiro no Segundo Império. Lúcia, a personagem protagonista é uma jovem prostituta que se julga indigna de um verdadeiro amor.

Lúcia é uma cortesã da alta sociedade burguesa que conhece Paulo casualmente. Desde o primeiro encontro ambos sentem uma grande atração. Mesmo apaixonada Lúcia foge as investidas amorosas de Paulo, pois ela se sente impura para viver um verdadeiro amor por causa de sua atual situação social, cortesã.

Então, ela resolve contar a Paulo toda a sua história, e como se prostituiu. Lúcia, que na verdade chamava-se Maria da Glória, era uma menina pobre, vivendo uma real situação de miséria, com seis doentes graves para tratar sem nenhum recurso. Ela procurou o vizinho, Couto, esse pediu que ela o acompanhasse até sua casa. Couto, mostrou-lhe algumas moedas de ouro e começou a beijá-la. Lúcia por três vezes fugiu, mas as pessoas que mais amava estavam juntas no leito da dor. Por isso, Maria da Glória criou coragem e deu seu corpo em troca do dinheiro.

Com o dinheiro ganho com sua vergonha, salva a vida do pai e da irmã. O pai de Lúcia descobre como ela conseguiu o dinheiro, porém se sente traído e desonrado não por ele, mas pela sociedade. Com isso morre Maria da Glória, dando lugar a cortesã sem pudor e consciência, Lúcia.

Lúcia consumida pelo amor resolve mudar de vida, indo morar em uma casa simples na companhia da irmã. Nesta casa vive seus melhores dias, até que o choque de uma gravidez inesperada que a leva a morte.

Conhecendo a obra “Senhora” de José de Alencar

O romance “Senhora” de José de Alencar foi publicado em 1875 pela editora Garnier. Esta obra tem como tema o casamento como uma complicada transação comercial, pois o enredo da obra trata da compra de um marido. Para tanto, o romance está dividido em quatro partes, as quais sugerem uma transação comercial: O Preço, A Quitação, A Posse e O Resgate.

Esse romance possui certos aspectos sociais, que representam a vida na sociedade urbana do Segundo Império nos mínimos detalhes, lugares, moda, costumes e o conceito sobre casamento da época. Desta forma, o romance abrange os aspectos fundamentais da sociedade brasileira.

A história se passa no Rio de Janeiro. Aurélia, menina pobre e órfã, desde cedo é impelida a procurar um casamento que garantisse seu sustento na vida. Aurélia sofreu o desgosto de ser abandonada, não pelo amor de outra e sim por um mesquinho dote de trinta contos de réis.

Passado algum tempo, ela recebe uma grande fortuna deixada pelo avô; de posse da herança e possuída pelo desejo de vingança resolve reduzir o ex-namorado a coisa possuída. Ela pede ao tio que acerte seu casamento com o rapaz, Fernando Seixas. O rapaz passa por má situação econômica e aceita as escuras o casamento com a herdeira desconhecida. Seixas descobre que é Aurélia, fica surpreso e feliz por estar diante da mulher que julgava ter perdido.

Aurélia e Seixas se casam e na noite de núpcias ela não hesita em esclarecer ao marido sua real situação de “marido comprado” deixando bem claro que estariam casados somente para sociedade. Com isso, Seixas fica realmente magoado, pois apesar de sua ganância, durante o noivado se apaixona por Aurélia e sofre o terrível golpe.

No entanto, ele reage, consegue juntar a quantia que lhe faltava a onze meses, desde a noite do casamento. Com o dinheiro que lhe rendeu dos negócios durante esse tempo, negocia seu resgate devolvendo o dinheiro da “compra”. Dessa forma, Fernando recupera sua dignidade e valoriza-se diante aos olhos de Aurélia.

Então, Aurélia, não tem dúvidas e sente-se livre para suplicar-lhe que aceite seu amor já que nunca deixara de amá-lo.

Mulheres além do seu tempo

Partindo do pressuposto de que os romances urbanos de José de Alencar são narrativas em prosa que possuem a temática relacionada estritamente às complicações amorosas, que giram em torno de situações sociais e familiares, envolvendo mulheres de uma sociedade moralista em face do casamento e do amor, estarei propondo uma discussão sobre o papel da mulher na sociedade burguesa. Nesses tipos de romance, as personagens são mulheres, por esse motivo essas narrativas são denominadas romances de “perfis femininos”.

E considerando que nestas narrativas e principalmente, ... em “*Senhora*” e, sobretudo, “*Lucíola*”, únicos livros, em que a mulher e o homem se defrontam num plano de igualdade... (CÂNDIDO, 1993:204), essa igualdade é uma novidade proposta por Alencar no Romantismo brasileiro.

Com isso, buscarei traçar uma comparação destacando os pontos de semelhança e de confronto entre as personagens Lúcia e Aurélia, tendo como objetivo reproduzir o retrato social da mulher do século XIX.

Em “*Lucíola*” a personagem principal, Lúcia, representa uma mulher que vivia fora dos padrões de “Moralidade”, que eram julgados pela sociedade burguesa, extremamente moralista. Essa questão é explícita pelo próprio narrador Paulo, movido pelo preconceito moralista evitar contar pessoalmente sua relação com Lúcia. Este preconceito do narrador advém do fato que Lúcia era uma cortesã e também pelo fato que o narrador é produto social, que tem consigo a ideologia da sociedade burguesa, cristalizada. Isto pode ser percebido no fragmento da obra

A senhora estranhou, na última vez que estivemos juntos, a minha excessiva indulgência pelas criaturas infelizes que escandalizam a sociedade ... Quis responder-lhe imediatamente ... Não o fiz, porque vi sentada sua neta, gentil menina de 16 anos ... Embora não pudesse ouvirmos, a minha história seria uma profanação na atmosfera... (ALENCAR, 2000:13)

Deste modo, percebemos que Lúcia é a representação da mulher cortesã, que é vista à margem da sociedade. Tendo em vista que na época predomina os princípios rígidos propagados pela sociedade recém-ascendida, a burguesia. Sociedade esta que nega a baixa-burguesia, devido a sua condição social, econômica e moral.

Contraditoriamente a Lúcia, de “Lucíola” é Aurélia protagonista de “Senhora”, uma personagem que representava virtuosidade, uma verdadeira dama. Para a sociedade burguesa Aurélia era uma mulher perfeita, uma verdadeira senhora; rica, elegante e casta. Podemos perceber isso pelo modo como é apresentada a personagem na narrativa

*Há anos raiou no céu fluminense uma nova estrela.
Desde o momento de sua ascensão ninguém lhe disputou o cetro; foi proclamada a rainha dos salões.
Tornou-se a deusa dos bailes; a musa dos poetas e o ídolo dos noivos em disponibilidade.
Era rica e formosa. Duas opulências, que se realçam como a flor em vaso de alabastro; dois esplendores que se refletem, como o raio do sol no prisma do diamante. (ALENCAR, 1998:17)*

Ao observarmos como é apresentada Aurélia no fragmento acima citado percebemos a diferença social e moral entre as personagens dado pela sociedade.

Enquanto em “Lucíola” o narrador evita falar de Lúcia para não profanar o ambiente, em “Senhora” o narrador inicia sua narrativa de modo poético prazerosamente apresenta Aurélia exaltando suas virtudes e posição social. Deste modo, temos de um lado, Lúcia a representação daquilo que a sociedade considera negativo: pela parca condição econômica e social e do outro, temos Aurélia, a expressão encantadora de tudo aquilo que a sociedade burguesa aprova: beleza, riqueza e pudor recatado. Com este paradoxo temos duas personagens bem diferentes aos olhos da sociedade.

Significativamente os enredos tanto de “Lucíola” quanto de “Senhora” há um retorno por parte das personagens à sua origem, recurso utilizado pelo narrador para explicar o passado de Aurélia e de Lúcia. O uso deste retorno tem o objetivo também de descrever o perfil das personagens, em análise. Nele os fatos são mostrados para explicitar o lugar que cada personagem ocupa na sociedade.

Neste retorno à origem das personagens, percebemos um determinante importante do destino de Aurélia e de Lúcia, o dinheiro.

Assim, percebemos portanto, que o dinheiro é diretamente responsável pelo o que elas representam para/na sociedade do século XIX.

A protagonista de “Lucíola” conta que devido a miséria que vivia na infância/adolescência foi obrigada pelas circunstâncias, à vender o próprio corpo para salvar os que amava. Este acontecimento é determinado pela origem pobre de Lúcia, pelo meio em que vive e sob as circunstâncias do momento, que a levava a submeter aos caprichos de um

homem, o Couto. Tudo isso contribuiu para distorcer o caráter de Lúcia diante a sociedade. *Em Luciola, a luxúria do velho Couto, e mais tarde a prática do vício, torcem a personalidade de Lúcia.* (CÂNDIDO, 1993). Como mostra este fragmento da obra

Ele tirou do bolso algumas moedas de ouro, sobre as quais me precipitei, pedindo-lhe de joelhos que mas desse para salvar minha mãe; mas senti os seus lábios que me tocavam ... Não sabia o que queria esse homem; ignorava então o que é a honra e a virtude da mulher; ... não senti nada mais, nada, senão o contato frio das moedas de ouro... (ALENCAR, 2000:109)

No enredo de “Senhora” a protagonista “Aurélia” narra também que teve uma infância/adolescência difícil. E quando moça pela pobreza em que vivia não tinha dote para ofertar, por esse motivo perdeu Fernando Seixas não para o amor da outra, mas para trinta contos de réis. Como está neste fragmento *Recebeu uma carta anônima. Comunicavam-lhe que Seixas a tinha abandonado por um dote de trinta contos de réis.* (ALENCAR, 2000: 99)

Com este relato percebemos como o dinheiro interferiu decisivamente na vida da personagem de Aurélia.

Diferentemente de Lúcia é Aurélia que nasceu e viveu até os dezoito anos em condições de pobreza, neta de um rico fazendeiro de sangue nobre. Com a morte do avô a vida de Aurélia se transformar e seu comportamento também.

A riqueza, que lhe sobreveio inesperada, erguendo-a subitamente da indigência ao fastígio, operou em Aurélia rápida transformação; não foi, no caráter, nem nos sentimentos que se deu a revolução, estes eram inalteráveis, tinham a fina tèmpera do seu coração. A mudança consumou-se apenas na atitude, se assim nos podemos exprimir dessa alma perante a sociedade. (ALENCAR, 1998:106)

Conforme percebemos no fragmento citado acima, Aurélia renasce gloriosamente nobre e rica, e em contraposição à personagem protagonista de “Senhora” está Lúcia que não tem o poder nem direito de renascer, mas apenas à fatalidade que é a morte. A personagem Lúcia está condicionada a dois tipos de morte: primeiro para a sociedade burguesa enquanto mulher, devido ao “desvio” de comportamento, comprometer-lhe o caráter; o outro tipo é a morte física, a não existência do ser no espaço.

A interferência do dinheiro na vida da personagem Aurélia é fato de constância. Primeiro por falta de dinheiro perde o suposto noivo para um dote, e depois restabelecida a falta de dinheiro pela herança recebida a personagem tem condições de mudar sua vida, pois

com o dinheiro Aurélia torna-se senhora de si e de seu destino, conforme é notado no fragmento abaixo

Não valia a pena ter tanto dinheiro, continuou Aurélia, se ele não servisse para casar-me a meu gosto, ainda que para isto seja necessário gastar alguns miseráveis contos de réis.

... É a minha felicidade que vou comprar. (ALENCAR, 1998:30,33)

Aurélia ao se mostrar capaz de tomar decisões, de interferir no seu destino demonstra um comportamento além do seu tempo. Tanto que ao submeter Seixas a produto de compra causou um choque tanto no marido quanto no leitor da época. Como constatamos neste fragmento:

— Vendido sim: não tem outro nome. Sou rica, sou milionária; precisava de um marido, traste indispensável às mulheres honestas. O senhor estava no mercado; comprei-o. Custou-me cem contos de réis, foi barato; não se fez valer. Eu daria o dobre, o triplo, toda minha riqueza por este momento. (ALENCAR, 1998:75)

Nessa transação “comercial” atentamos para mostrar que o perfil de mulher independente de Aurélia advém de fato do poder aquisitivo que ela possui.

Enquanto que Lúcia consegue dinheiro pondo-se a venda (produto de compra), Aurélia consegue o que quer comprando um marido para se encaixar nos padrões da sociedade. Lúcia é produto de consumo da sociedade enquanto que Aurélia é consumidora. *... precisava de um marido traste indispensável as mulheres honestas. O senhor estava no mercado, comprei-o. (ALENCAR, 1998:75)*

Neste aspecto, Fernando Seixas e Lúcia são como objetos de venda da sociedade essencialmente capitalista, a burguesia.

Um ponto nodal das personagens Seixas e Lúcia é que o primeiro citado consegue restaurar sua dignidade diante da sociedade enquanto que a segunda não o consegue. Isto é o que vemos nestes fragmentos:

Nesse momento Aurélia viu surgir, do mais fundo da natureza de Fernando, a quem a “sociedade” carioca, leviana e interesseira, tornara um amoral caça-dotes, aquele Fernando que ela conhecera no início do namoro de ambos. (AMORA, 1967)

... e quando cheguei, já a mais velha das moças se tinha aproximado, e arrancando a pulseira das mãos de sua irmã, atirou-a por cima da grade:

— Não toques em coisa que pertença a este mulher! É uma perda! (ALENCAR, 2000:117)

Depois de discorrer sobre os enredos das obras “Lucíola” e “Senhora” analisando as semelhanças e diferenças entre as personagens Lúcia e Aurélia é possível traçar o retrato social da mulher do século XIX, em uma sociedade moralista/conservadora. Nessa sociedade, a mulher era educada/preparada para o casamento. Desde cedo, Aurélia foi instigada a ver no casamento uma forma de alcançar ascensão social e *nessas circunstâncias, a mãe só via para a filha o natural e eficaz apoio de um marido. Por isso não cessava de tocar à Aurélia neste ponto, e a propósito de qualquer assunto* (ALENCAR, 1998:83).

E com o casamento, se Aurélia não fosse a mulher além do seu tempo, atribuiria-se a tarefa de colaboradora, devendo acatar as decisões de seu marido, mesmo se não concordasse, deveria estimulá-lo ao sucesso, isto é, o que pregava a sociedade burguesa. Donde se conclui que para uma moça, bastava ter conhecimentos condizentes com a função que desempenharia: esposa e mãe. Esses conhecimentos iam de trabalhos com agulhas e com tesouras, Aurélia já os possuía, por causa do meio em que vivia; primeiro por causa da pobreza precisava saber costurar e bordar, e depois para a sociedade burguesa era necessário que a mulher soubesse estes trabalhos.

Assim, percebemos através do modo como Aurélia foi criada que o papel da mulher era apenas ser dona-de-casa, *ela não deveria exercer nenhuma atividade remunerada.* (STEIN, 1984).

A questão econômica interferiu muito no comportamento de Aurélia e de Lúcia. Quando casada as mulheres ricas como Aurélia pertencente a alta-burguesia coordenava o serviço das criadas; enquanto que as iguais a Lúcia de classe baixa, teriam que fazer o serviço doméstico.

Portanto, podemos perceber que as mulheres, tanto Aurélia ou como Lúcia, tinham que ter conhecimentos sobre as atividades desenvolvidas no lar, serem submissas ao marido, sem direito de tomar decisões ou administrar seus bens, porque antes do casamento essa responsabilidade era do pai ou tutor e depois do casamento tudo pertencia ao marido. De acordo com Stein, (1984):

A mulher, tanto solteira quanto casada, não gozava de independência financeira: o dote não era posse da mulher que com ele entrara para a união conjugal; ele significa, antes, uma contribuição da casa paterna à subsistência da filha – e era administrado pelo novo responsável por este sustento, o marido. (STEIN, 1984)

Algumas mulheres eram iguais Aurélia que não tinham mais a companhia do pai tornavam-se responsável pelo seu próprio sustento e administrar todos os bens herdados, e

mesmo depois do casamento não se submetiam a perder a administração, em vez de permitir que o marido administre seus bens e sua vida eram elas quem tomavam as rédeas da situação, fazendo-se senhoras de si. Enquanto que Lúcia para se redimir de uma vida indigna procura ser simplesmente dona-de-casa, passando a administração do pouco que tinha à Paulo; *Não entendo de negócio, me disse abrindo uma gaveta; e não sei pedir senão a ti. Toma; é a escritura de compra desta casa, que pertence a Ana; há de ser preciso pagar décima.* (ALENCAR, 2000:114)

A diferença social existente entre as personagens Lúcia e Aurélia, nos permite percebermos que mesmo em uma sociedade burguesa capitalista pode haver dois perfis de mulheres. O primeiro, representado por Lúcia, mulher que se deixa influenciar pelo meio e a segunda por Aurélia, mulher que não se deixa dominar, ao contrário, é quem toma suas próprias decisões, mas não foge ao que é permitido em uma sociedade extremamente moralista.

Mesmo Aurélia apresentando toda as características de uma mulher moderna, durante a maior parte do enredo, o desfecho nos mostra que a personagem que nasceu grande, no final se curva diante do marido. E nesse ponto que Aurélia se iguala a todas as mulheres românticas.

Considerações Finais

Constatamos com os estudos desenvolvidos neste ensaio monográfico que a Literatura é a expressão da arte, ou seja, a representação da cultura de um povo e o Romantismo, um estilo novo de fazer literatura, no qual tem nesse momento a expressão do sentido da vida burguesa, valorizando os fatores locais e construindo uma identidade nacional.

E com a análise comparativa entre as personagens das obras “Lucíola” e “Senhora” de José de Alencar, podemos constatar ainda, que a mulher do século XIX, mesmo lutando pelos seus ideais acabavam se tornando submissas ao marido e a uma sociedade moralista.

Este trabalho de análise se efetuou para cumprir um dos requisitos exigidos pela Universidade para a graduação, mas este estudo teve como objetivo primeiro a busca de conhecimento na área das Letras, porque o acadêmico de Letras antes de ser qualquer coisa, deve ser persistente na busca de seus objetivos, por isso espero estar contribuindo com essa discussão teórica com a Instituição e com pessoas interessadas na área. Espero que essa discussão teórica seja usada como fundamentação teórica de estudos futuros.

Bibliografia

ALENCAR, José de. *Lucíola*. 27 ed. São Paulo: Ática, 2000.

ALENCAR, José de. *Senhora*. 32 ed. Rio de Janeiro: Ática, 1998.

AMORA, Antônio Soares. *O Romantismo*. São Paulo: Cultrix.

AZEVEDO, Hilário de. PINTO, Edith Pimentel. SOUZA, Roberto Acízelo
Quelha de. José de Alencar. *Sua contribuição para a Expressão Literária
Brasileira*. UNICAMP. Biblioteca Central.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 35ª ed. São Paulo:
Cultrix, 1994.

BRAIT, Beth. *A Personagem*. 7ª ed. São Paulo, 2000.

CANDIDO, Antônio. *A Personagem de Ficção*. SP. Perspectiva, 1970.

CANDIDO, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira*. 7ª ed. Rio de Janeiro:
Editora Itatiaia Limitada, 1993.

CANDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade. Estudos de Teoria e História
Literária*. 8 ed. São Paulo. T. A. Queiroz, 2000.

COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil*. Era Romântica. 4 ed. São Paulo:
Global, 1997.

GUINSBURG, J. *O Romantismo*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

JUNIOR, Benjamin Abdala e CAMPEDELLI, Samira Youssef. *Tempos da
Literatura Brasileira*. 4 ed. São Paulo: Ática, 1994.

KOTHE, Flavio R. *O Herói*. 2 ed. São Paulo. Ática, 2000.

KUPSTAS, Marcia e CÂMPPOS, Maria Tereza Arruda. *Literatura, Arte e
Cultura*. São Paulo: Ática, 1988.

MENEZES, Raimundo de. *José de Alencar, literato e político*. 2 ed. Rio de Janeiro, livros técnicos e científicos, 1977.

PROENÇA, M. Cavalcanti. *José de Alencar na literatura brasileira*. Editora Civilização Brasileira S. A. Rio de Janeiro, 1966.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Literatura Brasileira*. 9 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

STEIN, Ingrid. *Figuras Femininas em Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.